

A VELHA GUARDA

Orgão local do Partido Republicano Português

Editor:

Propriedade da Empresa de A Velha Guarda

Redactor principal:

JOAQUIM DE ALMEIDA GUIMARAES

AGOSTINHO F. ROCHA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: — RUA ELIAS GARCIA, 40 — Composto e impresso na Tip. de A VELHA GUARDA — Rua Elias Garcia, 45 — GUIMARAES

NOVO DEPUTADO

A fim de substituir o malgrado Dr. Manuel Justino, no Parlamento, foram convocados os eleitores deste círculo para elegerem um novo deputado. Não chegou a efectuar-se essa eleição por só ter havido uma candidatura, que foi a do nosso prestante e dedicado correligionário, Miguel Augusto Alves Ferreira. Foi felicíssima a escolha e não admira, portanto, que ninguém apparecesse a contrariá-la. Miguel Ferreira é um grande, antigo e bem sincero republicano, é inteligente, está sempre na brecha pugnando pelos interesses da sua terra, é duma extrema dedicação pelos seus amigos e um espírito liberal como poucos.

Não é de Guimarães; é simplesmente nosso vizinho, mas tem nesta terra muitos amigos e dedicações, tem aqui vivido por várias vezes, e nunca os guimaranenses a ele se dirigirão, pedindo-lhe o concurso da sua actividade para qualquer fim justo, que o não encontrem, sempre pronto e decidido a pôr todo o seu esforço em favor dessa pretensão.

A direcção do nosso Partido local recebeu com íntima satisfação a proposta da candidatura de Miguel Ferreira e, se tivesse sido necessário, não se teria poupado a esforços para que nem um só dos seus correligionários nele deixasse de votar.

Significará isto, porém, que o Partido tenha desistido de trabalhar para que Guimarães tenha um deputado no Parlamento?

Não; de maneira alguma! A necessidade de haver em Lisboa, junto dos poderes centrais, alguém, filho da terra, que defenda os interesses deste concelho, cada vez se accentua mais, se torna mais imperiosa e urgente.

São inúmeros e muitas vezes da máxima importância os assuntos a tratar no Parlamento, junto do governo, ou nas repartições do Terreiro do Paço. Não podemos, e seria inútil, dirigirmo-nos aos actuais deputados do círculo, que não nos conhecem, que não conhecemos. E, assim, deixam de resolver-se e tratar-se assuntos, por vezes importantíssimos, do que só resultam prejuizos para Guimarães, muitos que, tarde ou nunca, se poderão remediar.

Simplesmente, a oportunidade, agora, era péssima, para Guimarães fazer valer o incontestável direito e a impreterível necessidade que tem de levar ao Parlamento um seu representante. Tudo indica que o actual Parlamento será dissolvido, passado o mês de Outubro, e que poucas mais sessões realizará. Em breve teremos as eleições gerais e nelas, então, o nosso Partido talvez já liberto da perseguição que lhe

tem movido as autoridades de Braga, ha-de lutar, até ao último esforço, para que se não repita a indigna fraude das eleições de Maio. E, fazendo-o, não cumpre, sómente, um dever partidário, porque dá, principalmente, a Guimarães a faculdade de se poder defender e progredir.

Entendeu, por estas razões, a Comissão Municipal, que não era esta a melhor ocasião de se apresentar uma candidatura e isso lhe deu a grande satisfação de poder prestar ao candidato Miguel Ferreira todo o apoio de que pudesse necessitar. Não foi ele preciso; Miguel Ferreira, sem opposição, está considerado eleito. Atenuou-se, bastante, a situação de isolamento em que estava Guimarães, porque Miguel Ferreira não se recusará a, quando em Lisboa, trabalhar pelos interesses desta terra. Porisso nos alegramos e, por tudo, daqui saudamos, calorosa e sinceramente, o novo deputado.

A Câmara e os interesses municipais

Um grande clamor, que leva á frente, como arauto, a Associação Commercial, se levanta contra a Câmara por correrem insistentes boatos de que esta pretende uma coisa esquisita e difficil de perceber, como seja «alterar e prorrogar as condições do contrato e concessão das várias applicações industriais da energia electrica».

Sem dúvida que, nesta forma de redigir, ha qualquer falha tipográfica, que não pode ser agradável a uma colectividade que, nestes últimos tempos, nos tem tornado deliciosa a leitura da imprensa local, com a reprodução das suas resoluções, expressas em primorosos e castigados trechos literários, que bem nos mostram a sempre louvavel, embora velha, preocupação de juntar o agradável ao útil.

Mas, com falha ou sem ella, cumpria-nos, antes de tudo, logo que o clamor surgiu, fazer esta coisa simples, que os clamantes não fizeram, e com o que provam a sua má fé: ir á Câmara saber qual o fundamento d'esses insistentes boatos.

Fômos, usando dum direito que a lei dá a toda a gente, soubemos o que havia e, assim, estamos aptos para entrar na discussão do assunto, com perfeito conhecimento de causa; e temos o direito, também, de afirmar que não obedece ao justo e louvavel desejo de pugnar pelos interesses da terra uma campanha que se aproveita de boatos-tolos, pela sua insubsistência legal para forjar escândalos, quando a verdade podia ser conhecida de quem a desejasse, com o dispêndio de poucos minutos e poucos passos, sem o aparato solene de officios e artigos com que

se pretende lançar um alarme que só aproveita á politica reles, longe da qual desejaríamos ver pairando entidades que á nossa terra podem ser úteis.

Fômos á Câmara; mas antes já sabiamos, porque ninguém o deve ignorar, que as resoluções municipais são sempre publicas e que se a Câmara algumas tivesse tomado sem o cumprimento desse *restricto deber*, com ellas não valeria a pena perder tempo, porque eram nulas de pleno direito. Igualmente sabiamos que não havia, nem podia haver, nenhum contrato de concessão das várias applicações industriais da energia electrica, porque as concessões de exploração de serviços publicos só podem ser feitas mediante o cumprimento de formalidades legais que não podiam ter sido escondidas de ninguém; e nós não as viramos nem no Diário do Governo, nem na imprensa local, nem nos lugares onde é costume afixar-se os editais da Câmara, ao que tudo a lei obrigava: e, assim, era irrisório o boato de que pretendesse a Câmara alterar e prorrogar (?) as condições dum contrato que não podia existir. E, por maioria de razões, mais tolo ainda, se possível é, seria o boato, agora já compreensivel ainda que aumentado, de que desejasse a Câmara dar ao concessionário da luz o exclusivo de fornecer a energia electrica para as várias applicações industriais. A concessão do exclusivo de tal fornecimento nem cabe, sequer, nas atribuições municipais.

Fômos á Câmara e lá vimos o que toda a gente, que se interesse pela administração municipal, pode ir ver e que é, resumidamente, o seguinte.

Ha meses, a Câmara recebeu uma representação com numerosas assinaturas de industriais e commerciantes, em que se lhe pedia a sua intervenção para que se conseguisse que a corrente electrica da luz pública não fôsse interrompida durante o dia, a fim de poder ser applicada para diversos usos industriais e domésticos. A Câmara, convencida da grande utilidade que para o público adviria de se conseguir a permanência da corrente, dirigiu-se ao concessionário da luz electrica que, numa circunstanciada e exposta que fez, mostrou que só, com um, relativamente avultado, dispêndio de capital, podia fornecer a corrente durante o dia. Necessitava, portanto, de garantias ou de compensações: e, nesta conformidade, pedia que usasse a Câmara do direito que tinha, por uma das clausulas do contrato da luz electrica, de o prorrogar até ao fim do seu prazo. A Câmara entendeu que, em troca do beneficio do fornecimento permanente de energia electrica, aos preços que fôram estipulados, devia, sem que para isso precisasse de alterar contrato algum, conceder a

prorrogação proposta, mas com a condição de, durante essa prorrogação, ser abatido um escudo ao preço de cada lâmpada da luz pública. Foi isto o que se fez.

No próximo número publicaremos, na íntegra, todos os documentos e cópias das actas das sessões camarárias referentes a este assunto, para completa ilucidiação do público, e só depois passaremos a responder aos comentários que a resolução da Câmara possa merecer, se, porventura, nessa discussão, virmos que há lealdade, boa fé, e interesse pelo progresso de Guimarães.

José Luis de Pina

Este illustre professor do Liceu, foi destituído do cargo que tão distintamente exercia desde 1911 de reitor do Liceu de Guimarães. A febre de colocar os membros da dissidência ter sido, naturalmente, a causa directa ou indirecta desta destituição e tanto que para o substituir foi nomeado o Dr. João Almeida.

Ao nosso amigo José Luis de Pina apresentamos os nossos cumprimentos.

A' Beira-mar

Depois dum trabalho insano e multiphas canceras, na luta pela vida, todos procuramos descansar, espartecer e isolar o nosso espirito, por um pouco, das lides e dos cuidados da vida activa.

E' no verão, logo nos fins do mês que os romanos consagraram a Juno, quando a temperatura começa a subir e os músculos a tornarem-se mais indolentes e lasso, que as praias e as termas começam a ser lembradas, com o máximo interesse, — a uns, porque necessitam de retomar a saúde do corpo, a outros, porque carecem fortalecer a saúde do espirito.

A praia da Póvoa de Varzim, a mais preferida pela gente da nossa região, está repleta. Vê-se, aqui, o humilde trabalhador do campo e o burguez nédio e opulento; funcionários de baixa e alta categoria; plebeus e aristocratas da velha epoca.

E todos procuram refazer-se e preparar-se, para a conquista de mais um ano de vida.

De manhã, ao romper da aurora, já há movimento na praia. O povo mais humilde, aquele que, humoristicamente, de nomeiam, aqui, de «ceboleiros», toma o seu banho mais cedo. A classe elegante toma-o mais tarde — é o banho das onze.

Muitos entreteem-se a contemplar o salso argento, saltando, alegres, a sua gargalhada, se algum banhista imprudente se deixa arrastar pelas ondas. E passa-se, assim, a manhã.

De tarde, sob os toldes do arçal, reina a mais completa animação. Uns, aqui, sentados á volta duma mesinha redonda, passam o tempo,

jogando o solo, o domino, a sueca ou a busca de três. Ali, outros conversam, alegremente. Acolá, crianças baloçam-se e brincam com a areia.

O elemento feminino, com os seus vestidos vaporosos, dão um tom alegre e bulhoso á praia. Tudo é movimento e movimento é vida.

O «ceboleiros», ao longe da costa, de calças e sapas arregaçadas, vão fazendo o seu lava-pés, apanhando conchinhas, que as ondas vão arremecendo cá fora.

A' noite, no Luso-Brazileiro, no Chinês ou no Lusitano, uma massa compacta de gente de todas as libréis, respirando uma atmosfera saturada de fumo de tabaco, espera ansiosa e paciente, num murmúrio alegre, o gôso dos acordes dum sexteto ou as canções maviosas dum dueto afamado.

Um meu companheiro de passeio, que tem tendências a economicista, ao passar uma senhora vestida de sedas finas, lança-me um olhar triste e, num sorriso amargo, reprova, acremente, o luxo desabrido, que se nota, e que não é mais que uma provocação, nos tempos que correm.

«Veja, diz-me elle, o nosso povo é assim! Estas sedas importadas do estrangeiro foram trocadas pelo nosso ouro. Se os portugueses tivessem algum civismo, se nelles vibrasse um pouco de amor pelo bem colectivo da nação; se meditassem um momento, se vier, na necessidade flagrante que temos de fomentar a riqueza do nosso país, se quizermos viver, não fomos tão torpemente trocar o nosso ouro por panos estrangeiros. O inglês veste-se do que é inglês, o alemão do que é alemão, o francês do que é francês. Só nós temos a tristeza de preferir e admirar o que é estranho e depreciar o que é nosso».

E, a propósito, o meu amigo contou-me o seguinte caso:

«Um português foi ao Brazil á procura de fortuna; e, depois de ter arranjado um bom par de contos francos, porque a sorte lhe correu, voltou á pátria, já com o titulo de *brazileiro*, e falando um pouco a moda de lá.

Aconteceu de ir um dia de visita a um amigo, que havia comprado, ha pouco ainda, uma cama á francesa, linda obra de arte, a um marceneiro da terra.

O *brazileiro* distinguia-se logo, no meio do mobiliário da casa do seu amigo, e perguntou-lhe onde a tinha comprado. Este, que conhecia bem a força do *brazileiro*, respondeu-lhe, mentindo, que a havia comprado ao estrangeiro.

O *brazileiro*, cheio de entusiasmo, fez uma grande apoteose aos artífices estrangeiros, estado em cheio, sobre o artista português, que não era capaz de fazer nada de jeito, e pediu ao amigo que lhe mandasse vir uma cama igual.

Este pedido foi immediatamente satisfeito, tanto que, passado pouco tempo, o *brazileiro* recebia a comunicação de que a cama já tinha chegado e que um marceneiro português iria a sua casa fazer a montagem das peças.

Passados dias, o marceneiro autor comparecia em casa do *brazileiro*, para proceder á montagem referida.

Findo o trabalho, o *brazileiro*, admirando, estático, a obra pre-

ma, volta-se para o marceneiro português e, em tom zombeteiro, dirige-lhe estas palavras: — Os artistas portugueses não são capazes de fabricar nada que se assemelhe em beleza e perfeição, à indústria estrangeira. Veja que bela, que magnífica obra de arte...»

O marceneiro admirado com o que ouvia, por que desconhecia tudo o que se tinha passado, respondeu: — Mas, senhor, eu sou quem fez esta cama e mais a do seu amigo F... — «O senhor!» — rugiu o brasileiro furioso.

Como aturdido, manda um criado buscar um machado e, na presença do marceneiro português, põe a cama em pedaços. A bela e perfeita obra de arte deixara de ter todo o valor, por ter havido uma mudança de rótulo: — de indústria estrangeira passou a ser indústria nacional!

Este caso, diz o meu compariheiro de passeio, é um pequenino exemplo do que se passa com a nossa preferência aos artigos estrangeiros.

Parece até, à primeira vista, que esta mania é nata com a raça portuguesa. Veja o que faz o povo crente, quando precisa de invocar os seus santos mais predilectos.

Na minha aldeia há uma capelinha, onde se venera um S. Bento, advogado das coisas ruins. Imagina o meu amigo que o povo meu vizinho curte mais devoção pelo santo da sua terra? Engana-se. Quando se sente com os males, volta-se para o S. Bento de longe, ou da porta aberta, como lhe chamam, que se venera na freguesia do Rio Caldo, subúrbios do Gerez. E lá vai, no dia da romaria, de farnel às costas, de viola e pandeiro, cantando e dançando. E' que, para essa gente, o cumprimento dum voto não tem tanto merecimento, se não for cantado, bailado e regado a copos de vinho verde. E' a vaidade, é o desejo de gosar a pandega e, daí, o dito de: — «Santos da porta não fazem milagres».

O burguez rico não é o que é, se não cobrir o lombo de sedas finas e cachemiras estrangeiras. E' a vaidade, é o desejo de sobresair no meio dos outros e, daí, a negação absoluta do pensamento: — «O hábito não faz o monge».

— Mas — interrompi — o meu caro F... deve concordar em que algumas das nossas indústrias conservam-se ainda muito atrasadas e imperfeitas e...»

— Bem sei! E eis a razão por que lhe devemos mais carinho, mais interesse e mais auxilio, para o seu aperfeiçoamento e desenvolvimento. Portugal, com a escola de Afonso Henriques, tornou-se um país de guerreiros. Com o infante D. Henrique, iniciou-se o ciclo dos descobrimentos marítimos — Portugal era já um país de guerreiros e navegadores. Com a educação iniciada no tempo de D. João III, o nosso povo converteu-se num povo imbecil e imitador do que faz o estrangeiro. Muitas vezes não chega até a imitar — espera que o estrangeiro faça, para depois se servir. A nossa raça, por este caminho, está condenada a ser esmagada pela corrente formada pelas necessidades e condições da vida moderna. Enquanto que os outros povos procuram explorar tudo o que podem, nos seus territórios, nós esperamos que os outros venham explorar os nossos.

Veja o que acontece com as nossas minas quasi todas exploradas por estrangeiros.

A nossa situação financeira não seria tão má se soubessemos aproveitar as riquezas que possuímos e que os estrangeiros ambicionam.

Não dá aos nós milhões de libras à Inglaterra, pelo carvão que lhe compramos, sem termos disso necessidade, porque temos quedas d'água que pode a produzir a energia electrica mais que sufficiente para fazer mover todas as fábricas, comboios, carros etc.?

tamos, sem necessidade, pois que a nossa colónia de Angola podia produzir a fava sufficiente para o consumo das nossas fabricas?

E quanto ao aperfeiçoamento das nossas indústrias, renodele-se o nosso sistema de educação. Um povo é aquilo que for a educação que recebe. Formem-se homens de iniciativa e acção; químicos e físicos que ponham o seu saber ao serviço do bem e riqueza do país.

As nossas Universidades estão fornecendo todos os anos centenas de homens formados em química, física e matemática. Esses homens que trabalhem e que se tornem promotores das riquezas nacionais, e não sugadores do sangue dum povo».

A. G.

LITTERATURA

Pedaços duma carta de mulher

Contemplando um retrato...

M.....

Mas a alma de Ligia, fatigada de esperar uma confissão minha de Amor, despediu-me na sua última carta as frases seguintes:

«Em Setembro do ano passado, já quasi finalizadas as férias, fui a Coimbra. Com a minha alegria rendi homenagem à testemunha dum passado tidente.

«Demorei-me com a visita a pessoas da minha antiga convivência que me fizeram surgir uma saudosa lembrança duma época em que existia o uso da inocência, hoje substituído pelo o da agrura da vida!

«Longe de mim estava a ideia de o ver...»

«Momentos antes da sua aparição em casa da nossa amiga B..., entre vários retratos contemplei o seu, que não me acusou o mais desbotado reflexo da recordação.

«Uma vez renovadas as nossas longinquas relações, tornou-se manente a confiança, mútua a simpatia, maleavel o trato, imaginário o futuro...»

«A mescla destes elementos só encerra o efémero entusiasmo do ferventes palpitações, só a inexperiencia da vida que corri a gigantesca ilusão e repele a Verdade, envolta nas suas vestes mais alvas...»

«Porque será que a nossa alma, botão mimoso duma vindoura flor, abraça uma sombra?...

«A descoberta d'este mistério ainda não produziu os louros que cingem a fronte do vencedor.

«Mas como dizia: as suas palavras confundiam-se na terrura, o affecto multiplicava-se, presidido pela constância, e... então o penhor, guardel-o religiosamente!

«Intitulei-o com o nome de — Poema da Saudade.

«Na sua compreensão fui banal. Porquê? Não sei.

«Continha uma série de perguntas que não satisfiz por uma força desconhecida imperar tenazmente.

«Actualmente já não sinto o seu peso...»

«A minha alma soltou-se dum jugo... Ainda é tempo, pois, de preisar quanto ela valia então.

«Se amei?... Nunca!

«Namorar... Muito.

«Louco o pensar do homem que ousa misturar a mais sublime, a mais poderosa lei do Amor, com o insignificante devaneio!

«E eu que me julgava a heroína dum romance, que habituada a um companheiro de brinquedos, não tardaria a rasgar o horizonte dos seus veus...»

«Ideal... Romanesco... Qual Paulo e Virginia; ou Romeu e Julieta!

«Estes foram os heróis duma verdadeira eraça.

«Lorca! Quería imitá-los...

«Eis o tesouro que reponso num relicario, e hoje cedo o lugar a uma de ilusão.

«Entrego-lhe o autêntico documento de tudo quanto possuída uma alma, sem o custo dum sacrificio, duma lagrima...»

«Como vê, mora nela o alivio.

«Trecou o Poema da Saudade pelo da Verdade...»

«Ouço dobrar a flandros...»

«Linha fêbil que se curva perante a solemnidade do momento!

«A Inusão já se não debate nas ancias da Morte... Passou!

«Foi um episódio, da minha mocidade...»

«Não tente escrever-me, porque jámais lhe voltarei atençaõ.

«Esqueça-me.

«Uma amiga que se extinguiu...»

Ligia.»

Esta carta tem a data de... Janeiro de 19...

Não mais a tornei a ver; e da sua pena de perfumes literários, que deslisava elegante e fácil, não me voltou uma palavra de ilusão...

Hoje a minha alma vive em delirio, sonhando a doce imagem duma Alma, que, evulada no espaço, conforto a dor dum ausente!

São para ti, minha amiga de infancia, estas flores tristes que a Saudade desfolha na campa das minhas ilusões!

Tenho diante a tua mimoso e bela fotografia... Guardo-a como um peñhor dum affecto que dizias dedicarme...

Leio no verso estas linhas diagonais, em letras de «soitões»:

«Oferece-vos em honra duma estima inextensível — a que vos julga credor deste tributo.»

Mens olhos ficam fixados nessa imagem, procurando nela os teus olhos profundos e doces, teu rosto sonhador, a tua plástica divina...; e dos meus lábios sai o teu nome, baixinho, como uma prece a Deus! Radiosa Mocidade!

Ligia! Não despedaces este Amor, que a Saudade evoca na imensidade da noite!

Refulge de estrelas o infinito, e eu olhando para elas, encontro o imenso farol das recordações, como alma alada que busca a Felicidade, sem a atingir!

Recebe em tens lábios esta confissão suprema! Não rias e escuta. Alende-me que a tua vida é tudo para mim, a tua recordação é fel que bebo duma taça a transbordar!

Sinto a vida fugir, sonhando que os teus olhos encontram os meus, que os teus lábios se unem aos meus, em talano nupcial!

Tenho em meu poder umas trinta cartas de Ligia. São poucas, mas algumas para uma ilusão de quatro meses...

Formosas cartas! O seu conjunto forma uma bela página de romance. Romance duma Mulher que seute ser amada...

Mulher ilustrada, com a ilustração própria dum espirito culto e superior, Ligia entoava hinos...

Ora relembra a nossa infancia, os beijos de nossas Mães; ora a sua alma tocava as aspirações da Mocidade: —

«Ao meu pensamento, acode também a lembrança da minha época infantil.

«Entregue essas reminiscências preciosas, outrora bafejadas pelo sol da felicidade, nesse templo — Penedo da Saudade — com que Portugal doou a snã mais formosa filha, enquanto que eu, acompanhando o na mesma nusão, despeço um beijo, consagrado à memória do passado, porque também quero viver...»

Abro a janela. Silêncio. Não se ouve aqui, longe da cidade, o mais leve murmúrio!

Espalho a vista na imensidade do espaço, e ao longe distingo uma toalha branca, branca e indefinível. Rasga-se a última névoa da noite.

No horizonte aparecem os primeiros alvares da Vida, alvares que mostram, na sua singeleza, o mistério de Jesus...

Desperta a Natureza. A minha Alma casa-se na panorâmica Beleza que nos oferece o primeiro beijo da Manhã.

E a humanidade agradece a Deus este regressar da Vida...

Só eu, minha amiga de infancia, sinto-me triste, com a tristeza própria da Morte!

Passa por mim a ventania agreste do destino... Abraço-me ao Passado, onde procuro esquecer a Dor...

Eu era feliz na minha infancia!

Eis uma página de dor que um dia Z... me confiou.

Mais tarde li toda a correspondencia de Ligia. Admirei então o seu forte temperamento literario.

Recatadamente Z... escondia o seu segredo: Ligia quebrou o enigma...

Mas a alma humana é cheia de mistérios, o coração semiado doce de mentiras...

A mulher que ama não despreza; chora e não esquece...

Pôrto — Maio, 1919.

Elidio Proença.

RECORDANDO

Os julgamentos dos monárquicos implicados no movimento insurreccional do Monsanto, no tribunal de Santa Clara, tem despertado nos verdadeiros republicanos, um sentimento de mágua, para não dizer de revolta, pela maneira como tem sido despedada a verdadeira justiça dos culpados, os quais procuram com um cinismo revoltante fugir á responsabilidade dos seus actos.

Este facto, que já foi ventilado no Parlamento, foi por alguns deputados aproveitado como pretexto para um ataque ao Governo.

Achamos injusto esse ataque por quanto sendo como se diz — os membros que compõem esse tribunal os verdadeiros culpados na forma benevolente d'esses julgamentos — o certo é que o pessoal d'esse tribunal já estava nomeado quando o Governo tomou conta do Poder, não tendo, por isso mesmo, a responsabilidade que alguns deputados lhe querem attribuir.

Esquecem estes senhores deputados, ou não querem ver e que se tem passado com relação aos embaraços com que o Governo tem lutado principalmente em assuntos de ordem publica que lhe tem absorvido grande parte do tempo sendo forçado a abandonar, por alguns momentos, outros assuntos não só de administração, como também os de caracter internacional, e outros de immediato interesse para o País.

Há, evidentemente, da parte dum grande numero dos membros que fazem parte do Parlamento, que apenas se preocupam com questões de ordem meramente politica, esquecendo-se que qualquer Governo, por maior que seja a capacidade dos seus membros, não pode num espaço de tempo tão limitado fazer um estudo, mais ou menos consciencioso, mais ou menos completo de todos os assuntos que interessam á vida Nacional.

A engrenagem da maquina Governativa é muito complicada para que, num golpe de vista, por maior que seja o alcance visual, se possa fazer funcionar com a precisa regularidade.

No tempo da luminosa, estadistas como Fontes Pereira de Melo, Anselmo Braancamp e outros, apesar de trenados em assuntos de Governança e com grande permanencia no Poder, muitas vezes se viram embaraçados para resolverem com acêto alguns assuntos de administração mais complicados, e esse tempo era o chamado das luzes...

cas gordas, enquanto que a Republica, coitada, só tem encontrado no seu caminho uma série de embaraços após a sua proclamação a começar por encontrar o país, no que respeita a finanças, num estado de verdadeira falência, surgindo com pequenas variantes as incursões couceifistas, em que se gastou muito dinheiro, a que se seguiu a nossa intervenção na guerra, e precisamente quando os verdadeiros patriotas se encontravam a braços com os grandes problemas que se relacionavam com a nossa cooperação nessa grande luta, surgiu a traição dezenbrista, com as suas perseguições e mantendo o país nesse estado de terror durante um ano, trazendo como consequência as imposições da Junta Militar do Norte com apoio encapotado do presidente do ministério Tamagnini Barbosa para atraçoarem a Republica e restaurar a monarchia.

Mas essa punhalada traiçoeiramente vibrada ao coração da Republica, não conseguiu atingi-la, devido ao esforço dos seus defensores; e, enquanto a chamada Junta Governativa da monarchia decretava no Pôrto, o povo de Lisboa atacava com valentia, expondo o peito á metralha, os insurrectos no forte de Monsanto, liquidando assim, num esforço supremo, essa aventura criminoso, que éles, nem sequer tem a coragem de confessar.

Eutretanto, os republicanos do norte esperavam o momento próprio para correrem com a traulitania, e, assim, em 13 de Fevereiro, dava-se a contra revolução levando de vencida essa fita burlesca e com ella o grande D. Quichote que, mais uma vez, pôs em prática o seu valor militar, numa magnífica retirada, saqueando os cofres das agencias bancárias do Norte.

Tudo isto a Republica tem defrontado; ella de tudo se tem defendido o melhor que tem podido, cada vez mais forte, cada vez mais resistente, mas também mais convencida de que não deve ser tão generosa com os seus inimigos como tem sido até agora.

E' principalmente neste ponto que o Governo tem sido atacado; mas esse mal não é só de elle, é de todos nós.

F. A.

3.º Grupo de Companhias de Administração Militar Anuncio

Venda de solipedes

O Conselho Administrativo d'este Grupo faz público que, no próximo dia 25 do corrente, na parada d'este quartel, se procederá á venda de 10 muares e 1 cavallo considerados incapazes do serviço do Exército.

Quartel em Póvoa de Varzim, 11 de Setembro de 1919.

O Secretário do Conselho Administrativo,

Luis Gonçalves Valença. Alferez.

Cadela fugida

Fugiu uma cadela de raça de Castro-Laboreiro, acinzentada, corpulenta, cauda felpuda, mãos e peito brancas, malhada, Jando pelo nome de Troia. Dão se boas alviças a quem a entregar, na Quinta do Cabo e Lordelo, em LORDELO, deste concelho, a Alberto Veloso de Araujo.